



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS

DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA

RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL



FCM

ERICK GONÇALVES DOS SANTOS

RA 318722

Infância e o Brincar no Cotidiano: uma experiência de oficina de Yoga para crianças em um Centro de Convivência no Interior de São Paulo

ERICK GONÇALVES DOS SANTOS

RA 318722

Infância e o Brincar no Cotidiano: uma experiência de oficina de Yoga para crianças em um Centro de Convivência no Interior de São Paulo

Apresentado ao Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Mental da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), como requisito à obtenção do título de especialista em saúde mental.

Orientadora: Dra. Juliana Azevedo Fernandes

Coordenadora: Rosana Onocko Campos

Campinas-SP
2022

RESUMO

O relato em diante trata-se de uma experiência vivida em uma oficina de Yoga para crianças em um Centro de Convivência da região Sul de Campinas, com o intuito de apresentar um retrato das possibilidades e potências dos trabalhos produzidos neste serviço. A prática de yoga dentro deste serviço conversa com o modelo de atuação da clínica ampliada na perspectiva da Saúde Coletiva, na medida em que compõe com o cuidado humanizado pautado na lógica da prevenção, da promoção e recuperação da saúde, na integralidade, no território, na ética, e na emancipação dos sujeitos. Para atingir os objetivos da prática com as crianças foi preciso inserir atividades lúdicas para que pudessem brincar de fazer yoga, tornando esta atividade produtora de outros modos de expansão do cotidiano, a partir da construção de espaços saudáveis, que envolveram os aspectos clínicos e educativos da ação, no aprender, ensinar, e de realização. Deste modo para avaliar os impactos desses encontros, coletamos os relatos e percepções das crianças, e coordenadores, e fizemos análises do que foi produzido. Para além disso, foi utilizado também o método de atividade das Trilhas Associativas para explorar os aspectos simbólicos e relacionais da atividade e o grupo. A oficina foi um importante dispositivo para criar novas formas de produzir o mundo das crianças com desvios de um sistema de alienação e controle que estão submetidas. Criar um espaço de convivência para as crianças, trouxe benefícios para além do próprio grupo, como a família, a comunidade, e o próprio mundo, nos possibilitando experienciar a vivência e potências dos encontros de um Centro de Convivência, e resgatar o sentido deste equipamento para a Reforma psiquiátrica, para o SUS, e para o mundo.

Palavras-chave: Práticas Integrativas, Centro de Convivência, infância, convivência, Terapia Ocupacional, Yoga

APRESENTAÇÃO

O relato em diante trata-se de uma experiência vivida em uma oficina de Yoga para crianças em um Centro de Convivência da região Sul de Campinas, onde me aproximo como residente multiprofissional do programa de Saúde Mental e Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Minha escolha por esse campo de trabalho se deu a partir do meu itinerário de formação considerando a imersão do ano anterior de trabalho em que estive em um Centro de Atenção Psicossocial InfantoJuvenil (CAPS IJ), somado ao meu percurso com a Saúde Mental anterior à Residência, onde até aqui componho no meu corpo clínico, a defesa do Sistema Único de Saúde (SUS), os direitos humanos, a compreensão de um sujeito complexo atravessado pelas dimensões psicossociais, históricas, dialéticas e institucionais.

Ao iniciar minha trajetória em 2021 na Residência, me deparei com uma rede de assistência à saúde mental potente, porém fragilizada com os atravessamentos das forças neoliberais e relações institucionais tensionadas frente aos desmontes e sucateamentos do sistema vigente de saúde pública, além dos agravamentos políticos, econômicos e psicossociais que a COVID-19 modificou nas relações e estruturas dos serviços e usuários.

No CAPS IJ que atuei no meu primeiro ano de residência, observei seu funcionamento, após a pandemia, em moldes ambulatoriais, opostos aos propostos pela reabilitação psicossocial. Relações de poder verticalizadas em todo o processo de trabalho interferindo diretamente nas demandas dos usuários, algumas propostas e ações desconectadas da realidade, e escassez de recursos humanos e materiais. Neste sentido, questionando, quis buscar uma nova trajetória para o meu segundo ano de Residência que pudesse me aproximar minimamente do meu desejo inicial de ter escolhido trabalhar com saúde mental no SUS, e carregando ainda o desejo de visitar a população infanto juvenil por outro prisma.

E assim adentrei o Centro de Convivência (CECO) Rosa dos Ventos em 2022. Minha chegada foi marcada por diversos anseios e dúvidas de como atuar neste equipamento. Como era minha primeira experiência, fui diretamente confrontado com a forma de se construir a clínica neste espaço, pois era totalmente oposta e contra-hegemônica aos processos de trabalho nos demais serviços que vivenciei, me fazendo pensar o CECO como um espaço bastante potente de construção do cuidado em Saúde Mental. E com esse vislumbre, parto do desejo de trazer um pouco dessas possibilidades e potências a partir desse relato de experiência que apresenta um retrato do trabalho produzido neste serviço.

INTRODUÇÃO

A portaria nº 3088 de 2011 instituiu a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. O artigo 6º considera que os Centros de Convivência são serviços da atenção básica articulados à Rede de Atenção à Saúde, e em especial à Rede de Atenção Psicossocial, onde são oferecidos espaços de sociabilidade, produção e intervenção na cultura e na cidade para toda a população. São estratégicos para a inclusão social das pessoas em sofrimento psíquico, por meio da construção de espaços de convívio e sustentação das diferenças na comunidade e em variados espaços da cidade (BRASIL, 2011).

O Centro de Convivência Rosa dos Ventos é um serviço localizado na região Sul de Campinas, financiado pelo SUS por meio do convênio com a associação filantrópica sem fins

lucrativos Serviço de Saúde Dr. Cândido Ferreira. Em 2022, o serviço foi campo de estágio para as faculdades de Terapia Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade Federal de São Carlos, além da Residência Multiprofissional em Saúde Mental da UNICAMP.

De acordo com informações internas colhidas pelo serviço em 2018, a maioria da população acolhida é de adultos e idosos, predominantemente mulheres que dependem exclusivamente do SUS para atenção à saúde, com diversas necessidades de cuidados. Trata-se de um serviço de porta aberta, que recebe pessoas de todo território de Campinas e região. O CECO está situado no distrito de saúde Sul, que é subdividido nos eixos Sul-Sul e Sul-Leste dada a extensão e alta vulnerabilidade social da região. As pessoas que acessam este CECO são moradores dos bairros do entorno, e os que conseguem acesso ao transporte público.

O serviço conta com dois profissionais de nível superior, uma psicóloga e uma terapeuta ocupacional, uma monitora de nível técnico, uma profissional da higiene, e uma jovem aprendiz da Guardinha. Por ser uma equipe reduzida, as atividades cotidianas do serviço e dos trabalhadores interferem diretamente no funcionamento e organização do espaço físico e relacional.

Pertencem à rotina do CECO atividades como: oficinas e grupos durante o período da manhã e tarde, Matriciamento dos eixos de referência para discussão dos casos acompanhados pelo serviço, atividades externas no território, instâncias de controle social composta por usuários, trabalhadores e gestor (Conselho Local de Saúde), Supervisões Clínico-institucionais, reuniões de equipe semanal, Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), e o fórum de CECOS em Campinas. Além disso, os Centros de Convivência de Campinas fazem parceria com a secretaria municipal de educação através da Fundação Municipal para Educação Comunitária (FUMEC), para educação de jovens e adultos, com um professor responsável por cada período.

A cada mês é realizado o planejamento da rotina do serviço e das oficinas que podem ser temporárias, com data de início e término definidas previamente, ou fixas como Yoga, MVE (Movimento Vital Expressivo), Horta e saberes populares, Dança do ventre e o Sagrado feminino, Jazz, entre outras.

Haja vista que a população atendida em sua maioria caracteriza-se por ser adulto e idoso, a equipe se questionou em vários momentos que recursos poderiam ofertar para atrair o público infantojuvenil

Deste modo, diante da demanda trazida nos espaços de matriciamento com as unidades básicas, junto à percepção da equipe do serviço acerca da escassez de espaços para a população infantil no território, foi pensada, em parceria com a psicóloga do serviço, a oficina de Yoga para crianças.

Um dos objetivos da proposta era proporcionar espaços saudáveis de trocas e experiências para o público de 6 a 11 anos. A partir da prática de yoga, realizamos diversas atividades que auxiliam a criança na percepção e consciência corporal, melhora da atenção e concentração, autoconhecimento e cuidado de si, controle respiratório, melhora nas relações com os pares, tomada de consciência social, entre outros relacionados a esta prática integrativa. A intenção deste relato é comunicar as potências dos encontros e possibilidades que essa oficina gerou para as crianças e comunidade.

OFICINA DE YOGA PARA CRIANÇAS EM UM CENTRO DE CONVIVÊNCIA

Práticas Integrativas

A construção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC), estabelecida pela portaria de 971/06, atendeu às diretrizes e recomendações da Organização Mundial da Saúde, do SUS e suas portarias, das conferências nacionais de saúde, embasadas pelo modelo de atenção primária à saúde, baseada nos conceitos de promoção à saúde e prevenção de doenças. Isso contribuiu para o avanço do modelo de cuidado integral, tratando-se de uma política de inclusão terapêutica aberta a outros saberes, favorecendo a complementaridade e a ampliação de opções para os cuidados em saúde.

Práticas Integrativas e Complementares em saúde referem-se a um conjunto heterogêneo de práticas, produtos e saberes, que se diferenciam dos objetivos dos saberes e práticas da medicina convencional (Sousa e Tesser, 2017). Assim, são práticas que enxergam o ser humano em sua relação com seus pares e seu meio, buscando a promoção do equilíbrio dinâmico de sua energia vital, que varia de acordo com sentimentos e pensamentos, relações familiares e comportamentos sociais, estando embasadas, portanto, no chamado paradigma vitalista, que enxerga o corpo como totalidade (Pastori, 2019).

No ano de 2017, com o intuito de expandir o escopo das práticas integrativas no SUS, foi aprovada a Portaria nº849/17 que amplia a PNPIC. Essa regulamentação avançou no sentido de agregar outras práticas às já existentes, num total de 29 práticas, incorporando a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga.

Pensar a prática de yoga dentro do Centro de Convivência que faz parte da Rede de Atenção Psicossocial conversa com o modelo de atuação da clínica ampliada na perspectiva da Saúde Coletiva, na medida em que compõe com o cuidado humanizado pautado na lógica da prevenção, da promoção e recuperação da saúde, na integralidade, no território, na ética, e na emancipação dos sujeitos.

O lugar da Atividade humana e o Brincar na Oficina

Antes de darmos início à oficina de Yoga para crianças, entramos em contato via telefone com as escolas do território, e em seguida nos propusemos a fazer visitas para aproximar o CECO deste equipamento e fortalecer a rede. Além disso, como em todos os inícios de oficinas, realizamos convites pelas redes sociais online, e anunciamos nos grupos do aplicativo whatsapp existentes das oficinas do serviço. E, com efeito, a oficina foi sendo divulgada no território e acessada pelos usuários que compareceram para acolhimento e cadastro.

A oficina iniciou no dia 14 de Abril e segue ocorrendo até o momento. Pensando nos objetivos do encontro e nas produções subjetivas que nele ocorriam, entendemos que o Yoga para as crianças acontece de forma diferente da prática da oficina para os adultos, que demandam que esta seja mais expositiva e fique concentrada na figura do coordenador e fixa aos movimentos corporais produzidos. Já com as crianças foi preciso inserir atividades mais lúdicas para que elas pudessem brincar de fazer yoga, tornando esta atividade produtora de outros modos de expansão do cotidiano. Considerando os encontros na relação com a atividade, estas foram promotoras de espaços saudáveis sendo possível trabalhar os aspectos clínicos e educativos da ação, no aprender, ensinar, e de realização (Marcolino, 2016). As atividades realizadas foram:

- Mapa corporal: pensada para estimular o reconhecimento do próprio corpo e um contato inicial com esse instrumento de trabalho na oficina, além de possibilitar um processo de construção coletiva e compartilhada das percepções concretas e imaginárias do corpo, dialogando com as diferenças e semelhanças entre os corpos ali presentes. A atividade consistiu basicamente em cada integrante deitar sobre uma folha dimensionada de papel craft em posição anatômica enquanto o corpo era contornado pelas outras crianças.

- Estímulo sensorial e controle respiratório com velas, bexiga, plantas e ervas aromáticas, catavento, e chás: considerando que a prática do yoga exige condicionamento físico, respiratório e sensorial, foi pensado em introduzir de forma lúdica o contato com materiais e brincadeiras que possibilitassem o controle respiratório, estímulo e percepção sensorial. E, para além disso, os desdobramentos que ocorriam a partir da experimentação e contato com novos materiais e atividades, abrangeram o pensar a convivência. Por exemplo, quando as crianças colheram as plantas na horta comunitária e questionaram sobre o cuidado com a natureza, como ele é feito, e como isso as envolve, especialmente refletir a historicidade das plantas na cultura e o seu uso produtivo para a sociedade foram questões presentes nos encontros. Ou como o ato de acender uma vela ajudando a pensar a dimensão de tempo de espera em que as coisas da vida acontecem enquanto a chama está acesa, e como a entrada e saída de ar em nossos pulmões influencia em como lidamos com essa espera. Ou a simples ação de fazer bolhas de sabão acionando brincadeiras, impulsos, e nos ajudam a lidar com o que é frágil, etéreo ou abundante. O lugar de experimentação é destacado no compartilhar chás, que para além da experiência sensorial, traz a experiência da partilha, de diferenciar e discriminar os gostos e desgostos, resgatar a história com a aproximação intergeracional, em que os chás pelos próprios pais eram/são utilizados para diversas finalidades desde curativas à auxiliadora em processos de bem estar físico, mental, e espiritual.

- Bambolê: a atividade de bambolê auxiliou no trabalho de propriocepção e coordenação motora. Mas destaco situações que ocorreram como um gesto espontâneo, em que algumas atividades simbolicamente foram procuradas pelas próprias crianças, após a experimentação. Durante alguns encontros uma das crianças buscava espontaneamente o bambolê, e sempre atraía os outros para essa atividade. A partir de algumas atividades apareceram as potencialidades de vida das crianças, e essas foram frisadas nos encontros, como no caso desta, sua habilidade espontânea de comunicação e influência.

- Bexigas: além de trabalhar aspectos importantes da respiração de forma lúdica, as bexigas puderam ser utilizadas como instrumentos viabilizadores e facilitadores das trocas e aberturas para explorar outras brincadeiras, que puderam manifestar a noção de trabalho coletivo, onde cada um tinha a tarefa de não deixar a própria bexiga e a do outro cair. E em seguida as crianças quiseram recriar a brincadeira de forma mais expressiva, onde pintaram a bexiga e atribuíram expressões simbólicas de si e do grupo.

- Desenho das emoções através de emojis: um dos aspectos que envolve a prática do Yoga é a conexão do corpo com a mente. Para trabalhar esse aspecto da prática, nosso corpo e nossas emoções, sentimentos, percepções e capturas que fazemos no mundo, de dentro pra fora ou de fora para dentro, fizemos uma roda de conversa para identificar os sentimentos em situações cotidianas e como as crianças nomeiam ou imaginam a expressão desses sentimentos através dos ditos emojis e memes. Foi um espaço bastante potente que desvelou meios de comunicação subjetiva, grupal e simbólica. Foi uma atividade crucial para assegurar o espaço no grupo como protegido, de não julgamento, e de conhecimento de si e do outro.
- Diálogos sobre sexualidade e identidade de gênero: no Mês do Orgulho LGBTQIA+ aproveitamos para fazer um diálogo sobre a sexualidade e identidade de gênero, com a intenção de construir um espaço seguro e protegido para as crianças poderem dizer de suas impressões sobre essas temáticas que estão expostas no dia-a-dia mas que possuem poucos espaços de trocas. Buscamos trazer luz para os avanços que temos hoje em relação a essa temática que pode divergir em aspectos morais e religiosos nos contextos nos quais as crianças estão inseridas, e que podem ser produtores de adoecimento psíquico. Assim, conversas com a realidade material e social foram constantemente trazidas para/pelo grupo. Nessa conversa, desenhamos uma moldura de corpo humano e nomeamos a diferença entre sexo biológico, identidade de gênero, e orientação sexual.
- Plantar feijão: o processo dessa atividade foi pensado nos aspectos de reflexão, trabalho com tempo de espera e paciência. Cada etapa foi uma oportunidade de refletir com as crianças as etapas e os processos de desenvolvimento e produção da vida. Há pé de feijão que, dependendo do seu contexto, não irá crescer muito, ou simplesmente não crescer, enquanto outros sim, e que isso não quer dizer que o feijão é ruim mas que nem tudo podemos controlar.
- Culinária e alimentação saudável: a partir da grupalidade formada, combinamos no grupo de comemorar o aniversário de cada integrante. Para tanto, pedimos que escolhessem o bolo/torta que quisessem no aniversário, e pensassem formas desse alimento ser preparado de forma saudável e acessível. O lúdico e o criativo se juntaram nessa oficina para gerar uma experiência agradável e que permitiu tomar contato com o produto imaginado e o produto real. Durante todas as etapas do processo, desde a preparação à refeição as crianças participavam ativamente, e em seguida um momento de convivência maior era feito com as demais pessoas que circulam no Centro de Convivência, proporcionando espaços de trocas intergeracionais, saberes, e conversas espontâneas.
- Realização de posturas e exercícios corporais dinâmicos: por fim, a atividade que sugere ser a central da proposta ficou como uma atividade balizadora dos encontros, e serviu para além da proposta propriamente dita dos benefícios físicos, mentais e espirituais que a yoga tem, como para fomentar diferenciação entre os corpos, abrir possibilidades de experimentação, sensações, autoconhecimento e não julgamento. Para isso utilizamos recursos audiovisuais, contação de histórias, e o baralho do yoga.

- **Meditações:** essa proposta foi sendo incorporada no grupo a partir de meditações curtas e guiadas que trabalhavam de forma lúdica a imaginação e o estar atento e presente ao momento. Pode-se presenciar diferentes jeitos e maneiras de estar nesse lugar de quietude e silêncio. Após a atividade, as crianças verbalizaram como havia sido a experiência para cada uma, inclusive a dificuldade de permanecer em silêncio e se concentrar. O compartilhar das falas e trocas vivenciadas entre eles foi possibilitando a percepção de que era possível pausar, meditar e até relaxar.

Cada uma dessas atividades gerou sempre diversas discussões além da ação dada, sempre circulando por outros rumos e caminhos nesse contexto de atuação. Embora tenhamos oficinas pré estabelecidas, estruturadas, o nosso objetivo maior foi criar um espaço de convivência para as crianças, os demais desdobramentos foram consequências destes encontros e trocas.

1) Percepções dos desdobramentos e dobramentos

Buscamos trazer fragmentos das percepções coletadas e analisadas pelos coordenadores do grupo e colaboradores sobre algumas formas e possibilidades de ampliação do cotidiano das pessoas envolvidas que este espaço proporcionou, sob o referencial da Terapia Ocupacional Dinâmica. Marcolino (2016) considera a valorização do cotidiano, segundo o Método de Terapia Ocupacional Dinâmica, diferenciando-o das clínicas influenciadas pelo paradigma médico pautadas em atividades prescritivas que visam o cumprimento de tarefas, hábitos, atividades ou de tutela com intervenções diretivas. Acredita que o processo terapêutico se sustenta no que é vivido e significado na relação triádica (terapeuta-paciente-atividade), ou seja, numa relação dinâmica e potencial, a partir da construção de novos sentidos e significados das atividades realizadas, sustentadas afetivamente em uma transferência positiva com sujeito, que possibilita a superação de situações de crise, e com a criação de espaços saudáveis abre-se a possibilidade de pensar e ampliar o cotidiano.

As crianças

Na apresentação da proposta deste relato pedimos para as crianças dizerem como queriam ser nomeadas no trabalho escrito¹, os nomes escolhidos foram aleatórios, e somente algumas disseram sobre o significado, e dizer das observações e vivências que tiveram na oficina, e assim cada uma relatou, e em conjunto com as análises feitas pelos coordenadores, consideramos:

Norman - recebeu diagnóstico de atraso no desenvolvimento psicomotor. Observa-se sua participação no grupo muito marcada por falas que sugerem baixo desempenho e incapacidade auto referidas, mas que possivelmente dizem mais da fala de outros sobre o desempenho e participação dele na vida. Entretanto, no próprio grupo nota-se sua participação corporal e funcional equivalente às outras crianças. Este espaço tornou-se um espaço de experimentação e feedback, onde ele pôde se diferenciar e dizer sobre o seu próprio desempenho e constatar a partir de si mesmo sobre a sua experiência com o corpo. E além disso poder acolher a sua mãe também acerca das suas angústias quanto ao desenvolvimento do filho em um contexto de convivência, o que caracteriza um novo marco

¹ Os nomes apresentados neste trabalho são todos fictícios e foram escolhidos pelas crianças.

no cotidiano deles, pois agora ela pode levar ele para um espaço saudável, e não para um de tratamento em saúde. A escolha do seu nome foi baseada em um personagem autoral de uma história de quadrinhos que está produzindo, no qual referiu querer trabalhar no futuro.

Rayssa - Sempre teve bastante regularidade nos encontros, e muito participativa, trazendo sempre sobre o seu cotidiano escolar e familiar, e ainda sobre seus planos futuros. Vez ou outra pedia por mais atividades corporais, e sempre trazendo bastante ansiedade, e com o grupo aprendeu recursos que a ajudaram a manejar essa angústia melhor. Além disso, conseguiu reconhecer a influência que têm as crenças mais conservadoras de sua família em suas opiniões hoje.

Noamy - Irmã gêmea de um dos participantes, conseguiu construir um espaço para si no grupo e dialogar também sobre suas vivências na escola, principalmente com relação às amizades, bastante intelectual com conhecimentos históricos diversos sempre trazendo para o grupo o que sabia, como chás, histórias, e conhecimentos gerais. Também foi um espaço importante para dialogar sobre seus desejos de construção de vida futuros.

Ronaldo - Costuma ficar bastante calado no grupo, e sempre referindo dificuldades nas atividades corporais, porém ao fazê-las se percebia como capaz. Outro destaque é que sua mãe referiu que suas habilidades de fala melhoraram com a participação no grupo. E no decorrer dos encontros, conseguia se colocar mais.

Júlia - Iniciou o grupo se dizendo bastante tímida, porém referiu que confiava no espaço grupal, e desde então foi uma das conviventes que mais conversava, fazia e opinava no grupo. Nos chamou sempre a atenção como possuía uma crítica importante em relação a sociedade, família e amigos. O grupo foi um espaço importante de feedback para ela perceber suas potencialidades, pois não atribuía-se como potente em muitas coisas. Além disso, conseguia elaborar suas angústias em relação às amizades, e as práticas também a ajudaram a manejar sensações de ansiedade.

Arthur - Chega um pouco mais adiante no grupo, geralmente muito calado, mas no decorrer dos encontros, nas vezes que falava, percebia-se uma carga afetiva importante ao dizer de situações na escola, e do núcleo familiar. Assim, ajudando-o a elaborar essas relações, e com as atividades, conseguia fazer suas experimentações e se perceber também com muitas habilidades e consciência corporal e capaz de dizer sobre o que queria para o seu futuro. Ele disse conversa coisas no grupo que não conversava em casa, e se percebe menos tímido, no qual foi pontuado também por Noamy.

Lê - Entrou também tempos depois no grupo, é a integrante mais nova, bastante introvertida, em alguns momentos falava consigo mesma, como se estivesse assimilando as coisas que aconteciam no grupo. Com o passar do tempo frequentando a oficina, conseguia entender a dinâmica do grupo e se colocar com espontaneidade. Em um dos encontros trouxe uma angústia importante que estava sentindo com a separação de seus pais, e ficamos preocupados com o relato que trazia. A partir disso, ficamos mais atentos a esta dinâmica, e fomos articulando rede de suporte para a criança com a escola.

B - não esteve no dia da atividade de escolher os nomes, mas teve uma participação muito interessante no grupo. Iniciou muito tímida, pouco conversava. No decorrer dos encontros foi

se mostrando bastante habilidosa, possuía diversos outros conhecimentos na qual passou a compartilhar com as outras crianças e que favoreceram o andar do grupo. E ainda conseguiu se vincular aos colegas para fora da oficina. No grupo conseguiu refletir sobre questões de confiança, e insegurança.

Vivência do grupo

Em um dos últimos encontros do ano, perguntamos para as crianças quais foram as impressões, opiniões e perspectivas delas em relação à oficina. Surgiram questões relativas à timidez, em que grande parte das crianças se percebem assim, mas pontuaram que no grupo experimentaram um outro modo de estar em grupo, aprendendo a lidar com outras habilidades sociais. E assim muitas das crianças entenderam este espaço como um lugar para falar.

Durante o relato de uma das participantes que dizia sobre sua impressão do grupo, Raysa disse ter ouvido a palavra “pecado”. Com base nas experiências trazidas e observadas no grupo, este foi um espaço também de transgressão, em que pôde tomar contato com temáticas que são tidas como tabus, ou pecado em seu meio familiar.

Nos relatos as crianças também disseram como se organizam para estar no grupo, e inclusive sugerem outros encontros, ou deslocamentos do grupo em outros dias da semana para se organizarem, perceberem e aproveitar a distribuição do tempo em ocupações significativas, assim a oficina ganhou um lugar na rotina delas,

Com relação às posturas da prática de yoga, elas preferiram não mostrar para outras pessoas, algumas crianças mostraram apenas para familiares próximos. Sobre os aprendizados, o grupo referiu ter aprendido a ter mais calma e paciência, lidando melhor com a ansiedade e a raiva. E além disso gostaram bastante das meditação, e algumas fizeram em casa, mas relataram a diferença de fazer em casa e fazer no grupo.

Durante os encontros, o corpo esquelético que no CECO carinhosamente nomeamos de Frida, se tornou assunto das muitas brincadeiras e trocas entre as crianças, e atribuíram o interesse por ela devido a facilidade de manuseá-la. Notaram uma capacidade de ser “estilosa”, “vivida”, e ganhou referência de Frida Kahlo, pois elas se lembraram da artista que teve uma vida sofrida e expressava as suas vivências em sua arte. Além de ser um objeto novo de se visualizar no cotidiano, e ao mesmo tempo que têm a ciência de que possuem também um corpo esquelético semelhante ao dela, Frida despertou curiosidade e possibilidades de simbolização.

Um desdobramento importante que atribuíram foi à esfera das amizades, algumas pertencem a mesma escola mas não tiveram um espaço que pudessem especificamente conviver, e após os encontros no grupo passaram a se encontrar e conviver em outros espaços. Deste modo elas pontuam que a convivência com crianças da mesma idade é melhor, pois a relação com os adultos tende a ser tensionada por conflitos geracionais, e carregado de preconceitos nas quais as crianças estão desprendidas.

Fizemos uma última pergunta de finalização "Vocês acharam que a gente é meio doido?" e uma das crianças disse “Ah todo mundo aqui é doido”, o que revela aspectos positivos da relação triádica, além do processo de identificação com o grupo como um todo e terapeutas.

O Centro de Convivência, conforme observou Aleixo (2016), é um espaço enérgico de produções complexas e heterogêneas, com implicações envolvendo a arte, cultura e clínica, cuja clínica revela um movimento de aumento da capacidade de experimentação de diferentes modos de existência, de diferentes experiências de vida, de momentos e

acontecimentos ativadores, trazendo o sujeito ao plano da produção. E além disso, desestabiliza formas e forças instituídas, capturadas por realidades dadas e naturalizadas, agenciando respostas outras diante dos efeitos dominantes das subjetividades capitalistas. Deste modo, as crianças vieram com uma encomenda de trabalhar as questões de estresse e ansiedade, porém as fronteiras borradas do campo e a proposta dos encontros trouxeram outros potenciais de vida. Embora estas crianças apresentassem dificuldades na elaboração do significado da oficina para os aspectos emocionais, evidenciaram vínculos e experiência que foram vividas no microcosmos e expandidas para o macrocosmo, tornando este um fenômeno comum e potente do centro de convivência.

A escola

Considerando a relação das crianças com a escola, observou-se nos encontros produzidos, o cotidiano das crianças atravessados pela instituição escolar, aparecendo nas falas e atividades como um força disciplinadora e de um espaço em que as crianças estruturam sua rotina na maior parte do tempo. Neste sentido, as experimentações de brincadeiras e atividades importantes nesta idade se tornam, na maior parte das vezes, apenas recursos motivados à produção de obrigações e desempenho escolar, e as possibilidades de um brincar criativo e exploratório são pouco experimentados, e talvez até censurados por um regime produtivista e neoliberal que se perpetua nas instituições. Os passeios e outras atividades diferentes da escola sempre surgem como algo motivador para as crianças como um escape desse regime.

Observou-se também que o celular poderia estar ocupando o lugar do brincar ou outras atividades, fazendo parte da rotina das crianças. E embora se ocupem bastante desses aparelhos eletrônicos, também apresentaram desejos e demandas de espaços para escuta e fala, quanto outras possibilidades de brincar e experimentação livre, e propostas lúdicas.

As mães

Devido ao período de tempo em que ocorria o grupo, foi entendido importante criar um outro espaço para as cuidadoras enquanto as crianças estavam na oficina, possibilitando aproximação delas com o serviço, e propiciando um espaço de trocas e vivências significativas para elas. A oferta de atividade para os pais era realizada pela monitora do CECO. Ao término da oficina, sempre aconteciam momentos de trocas intergeracionais das crianças, as mães e avós, os profissionais, usuários do CECO e da FUMEC. Vale ressaltar que embora a proposta tenha sido aberta para os responsáveis pelas crianças, somente as mães e avós que compareciam para trazê-las ficaram no grupo, não vimos em nenhum momento a presença dos pais.

A clínica realizada no Centro de Convivência visa possibilitar espaços de experimentação (Aleixo, 2016) em concordância com a clínica da Terapia Ocupacional Dinâmica proposta por Benetton (2020) *apud*. Benetton (1994) onde o campo experimental a partir do fazer atividades em uma relação (terapeuta-paciente-atividade), abre espaço para a subjetividade, de igual modo os diversos processos que envolvem o fazer como: escolher, construir, destruir etc, são ações que perpassam o campo dos sentimentos, emoções, e carregam expectativas e desejos, portanto abrindo possibilidades para coisas novas e inéditas e envolvendo a construção de sentidos que possam reformular com o sujeito.

Marcolino et al. (2021) aposta que as atividades desenvolvidas dentro de uma relação terapeuta-paciente-atividade funcionam como espaços de saúde promovidos pelo terapeuta ocupacional, e na medida em que o fazer dessas atividades passa a estar incorporado na rotina, e os sentidos vão se configurando em sua vida, isso pode possibilitar ao indivíduo atendido uma forma de inserção social, favorecendo a ampliação de seu cotidiano, na qual pode imprimir também mudanças na sociedade. E assim as extensões dessa oficina foram se estabelecendo também no social.

2) Trilhas associativas: retratos da experiência

Aqui iremos discutir os elementos fotográficos e narrativos trazidos pelas crianças no momento da apresentação das fotos tiradas em algumas atividades realizadas nas oficinas, com o intuito de nos aproximarmos desse encontro pela perspectiva delas. Para realização da proposta, foram selecionadas 17 fotografias dos encontros nas quais puderam trazer à memória a vivência de cada atividade realizada. Em seguida, após explicado sobre o que se tratava e do consentimento delas, foram compartilhadas com as crianças e solicitado para que elas pudessem de livre escolha selecionar cinco fotografias que fizessem sentido para elas.

Esta proposta foi pensada de acordo com as Trilhas Associativas proposta por Benetton (1994) que considera que para além do fazer atividades, é necessário a integração entre o pensar e o fazer, tanto para o sujeito como para as pessoas com as quais ele convive. Para isso, a autora propõe que sejam memorizados pelo terapeuta ocupacional informações observáveis e corporificadas, e registradas para compor um “acervo informativo do caso” (p. xx). Assim, sugere: 1) resgatar os objetos, organizando todas as atividades realizadas; 2) analisar as atividades com um distanciamento temporal, para o sujeito criar dimensão do conjunto de atividades em uma ideia que as une; 3) utilizar-se de acidentes, rupturas e golpes, e também do que aparece/apareceu como novo, ainda não compreendido, vislumbrando o que não se percebia antes (Benetton, 1994).

Norman

Foi o primeiro a querer montar as trilhas. Geralmente, nas atividades que envolvem essa dinâmica de escolha, tende a ser o último e observar os demais participantes. Para ele, as atividades que o grupo fez mais espontaneamente e utilizaram os movimentos corporais tiveram mais sentido, além das atividades que envolveram falar sobre os sentimentos através de memes e emojis, e sugeriu nomear o grupo como “Nosso progresso e a aula de yoga”.

Rayssa

No dia em que apresentamos a atividade das trilhas, estavam presentes somente ela, e uma outra criança, no segundo encontro não registramos a sua trilha nas fotos, embora suas escolhas tenham sido muito parecidas, e até algumas repetidas. Para ela, atividades mais ligadas às posturas e percepções corporais tiveram maior apreço, e as que conseguia visualizar no seu processo. Na atividade de plantar feijão, o seu feijão foi o que melhor se desenvolveu, e isso trouxe um retorno positivo para ela, e também mencionou as atividades da bexiga onde desenharam os ET. E no segundo encontro, sobre a ideia de uma frase que definiu o grupo, escolheu “turma do gnômio”.

Lê

Sempre muito silenciosa no grupo, e com poucas presenças, e a mais nova de todas as crianças, no dia da atividade estava com fome e por isso escolheu a principal foto com o bolo na mesa. Escolheu também as fotos das pessoas com quem tem mais vínculo. A respeito de como gostaria de referir o grupo, disse: “turma do silêncio”. Embora o grupo seja muito barulhento, também respeitava o seu silêncio, e assim entendemos que neste grupo cabe o barulho mas também cabe o silêncio

Noamy

Os encontros de interação foram os mais importantes para ela, principalmente o dia que foi o seu aniversário e achou que o bolo estava gostoso, além das atividades em que puderam dialogar sobre os sentimentos, emoções, sexualidade e gênero. Neste momento, apareceram alguns incômodos sobre essa conversa, pois uma das crianças possui uma educação religiosa e moral que não dialoga com o respeito à diversidade, mas inclusive o não-respeito foi respeitado, o que não significou ser concordado, e sim discutido, ainda que de forma muito difícil para a outra colega com essas crenças. Noamy sugeriu a frase “ensinando Yoga para turma do gnomio” para nomear o grupo.

Arthur

Embora seja também um participante mais silencioso, teve mais apreço pelas atividades que envolveram a participação e interação de todos, e onde ele pode se visualizar como parte do processo. O único retrato escolhido que não tinha mais pessoas, é o do feijão e foi a única atividade no qual não estava presente, talvez indicando um desejo e/ou símbolo do seu pertencimento no grupo, ou um reflexo de seu estado mais introvertido, considerando a figura do pé de feijão crescendo solitário dentro de um copo, tal como ele se desenvolve dentro do seu núcleo familiar.

Ronaldo

Verbalizou que as atividades que estavam todos juntos foi significativa, e poder se visualizar nas imagens foi importante para ele. A escolha pela atividade de plantar feijão fez ele se remeter à história de “João e o pé de Feijão”, um clássico da literatura infantil que diz do acesso de um pequeno garoto ao mundo dos gigantes. As conversas sobre os sentimentos também foram significativas para ele, e nomeou o grupo como “grupo do relaxamento”.

Julia

Para ela, os momentos em que fizemos o bolo e comemos juntos são importantes, embora naquele dia ela não pôde estar presente. A conversa sobre sexualidade e gênero foram muito importantes e foi marcado como um dia em que sentiu confiança no espaço para poder se sentir segura de contar qualquer coisa e referiu o grupo por nome “grupo do gnomio”.

B.

Sua frequência no grupo era baixa, e mais ao final do ano, começou a vir mais vezes devido a organizações familiares. Para ela, as fotos que percebia maior interação com as crianças foram escolhidas mesmo que não estivesse presente na foto. A sua não vivência de algumas atividades fez com que a sua escolha fosse a partir do sentido estético e simbólico que as imagens lhe evocavam.

Para as crianças, de forma geral, as atividades que escolheram como mais importantes em suas trilhas foram as atividades coletivas, em que conseguiram mais participantes no

processo, e conseguiram resgatar o sentido de estarem compartilhando a mesma experiência, talvez com um sentimento de maior pertencimento, e de segurança, como nas atividades de comemoração de aniversário com bolos. Algumas escolhas também estiveram relacionadas aos colegas que mais estimam no grupo. O contato com a natureza e o processo que envolveu a espera, o cuidado e a produção da atividade de plantar feijão também ganharam bastante espaço nas trilhas. O coletivo com bexigas com desenhos de ET's pareceram também símbolos de construção de identidade grupal e individual.

Durante o encontro dessa atividade, alguns temas que retornaram para a roda de conversa, talvez devido a situação política do momento, como a discussão de gênero e sexualidade, em que uma das crianças manifestou forte contestamento à temática devido orientação moral religiosa, as demais crianças se posicionaram contra o preconceito e identificaram o lugar da família sobre a temática e conseguiram se diferenciar com as suas próprias percepções do mundo.

Para algumas crianças, a oficina foi referenciada como um lugar de silêncio e relaxamento, embora o grupo costume ser bastante movimentado e com muitas brincadeira. Entendemos que neste grupo também coube o silêncio, o relaxamento, e o nada, pois todos os movimentos e os não movimentos também foram respeitados.

Outro ponto interessante levantado é que todas as crianças se envolveram em uma brincadeira de faz de conta, com encenação do mito do Gnomo, chegando até a nomear o grupo com essa referência, a despeito disso observamos o mito:

Gnomos na mitologia são criaturas muito inteligente, e de pequena estatura, representam o elemento terra, e se movem no subsolo com facilidade igual aos humanos no ar, guardam minas e tesouros subterrâneos, e presenteiam quem lhes faça favores com a condição de não acumularem, e que o partilhem. Possuem habilidades de prever e sobreviver a qualquer condição climática natural. Costumavam viver em sociedade com os humanos, mas devido a poluição e o desmatamento se retiraram para suas casas secretas.

De igual modo as crianças deste grupo se mostram muito inteligentes, conseguindo se moverem rapidamente também em meio a um terreno árido de criatividade na sociedade moderna, acumulando para si diversas habilidades, nas quais mostram somente quando há espaços favoráveis para presentear com alegria, e brincadeiras. Essas crianças são travessas, e possuem um gesto espontâneo de se ligarem a arte, e a natureza, ajudando-a a preservar. E embora convivam com muitos outros adultos, devido a esfera poluída de diálogos e crenças que não contemplam a realidade da infância, preferem se esconder em meios que são seguros e protegidos para se desenvolverem de forma espontânea, e livre.

Considerações finais

A oficina de yoga se mostrou como um importante dispositivo que viabilizou repercussões no cotidiano das pessoas envolvidas, bem como a comunidade, e isso devido ao processo do fazer estabelecido em uma relação positiva entre terapeutas-grupo-atividade somados aos recursos simbólicos e clínicos disponíveis do Centro de convivência. Além disso, com as atividades realizadas nesta oficina foi possível criar novas formas de produzir o mundo das crianças com desvios de um sistema de alienação e controle.

Considero a conceituação de atividades humanas desenvolvidas nesse grupo conforme Cardinali et al (2021) que preocupada com cenário global e os atravessamentos da pandemia no cotidiano nos convidou a olhar para elas como experiências únicas, contextualizadas, situadas como expressões singulares e coletivas, o que pode reproduzir em

amplo aspecto o sistema político e econômico capitalista que estamos submetidos, como reproduções destrutivas e marcadas pela exploração, individualização e alienação.

Assim, essa concepção de atividade humana na prática da Terapia Ocupacional nos leva a sair de uma perspectiva focada apenas na autonomia e independência mas que se volta para o cuidado da sociedade que queremos ocupar no futuro. Fazendo-se necessário pensar elas, o cotidiano e relações sociais de modo que possam contribuir para o despertar da consciência e de nossa responsabilidade pessoal-coletiva no mundo. O comprometimento ético-político-cultural pode possibilitar novos encontros, tessituras coletivas, formas e significados, olhando para a sensibilização que nos acontece como potência de criação e de esperança.

As crianças vieram com uma encomenda imaginada pelos pais, ou por que não dizer de uma pré concepção de saúde imaginada pelo próprio território da cidade, de trabalhar as questões de estresse e ansiedade, no entanto as fronteiras borradas do campo, e a proposta dos encontros, trouxeram outras potenciais de vida, elucidando vínculos e experiência que foram vividas no microcosmos e expandidas para o macrocosmo, sendo este um fenômeno comum e potente do centro de convivência.

As ideias discutidas aqui neste texto se aproxima com a ideia apresentada por Farias et al. (2021) sobre a importância de pensar em estratégias que contemplem as sutilezas da infância e que respeitem as formas de fazer e agir no mundo são essenciais, considerando o espaço seguro e livre de julgamentos e mandatos sociais frente às diversas possibilidades de (re)conhecer, expressar-se e se tornar que o grupo propiciou.

Concluimos que, embora tenhamos elaborado a oficina com a proposta da Yoga, nosso objetivo maior foi criar um espaço de convivência para as crianças, que devido os diversos atravessamentos, não estavam sendo agenciadas no Centro de convivência, e surpreendentemente o potencial dos encontros e dessa clínica ganharam asas voando para outras esferas das dimensões além do próprio grupo, como a família, a comunidade, e o próprio mundo, nos possibilitando experienciar a vivência e potências dos encontros de um Centro de Convivência, e resgatar o sentido deste equipamento para a Reforma psiquiátrica, para o SUS, e para o mundo.

Referências

Brasil. **Portaria nº 3088**, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 31 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br>>. Acesso em: 09/09/2022

Sousa, I. M. C., Tesser, C. D. **Medicina Tradicional e Complementar no Brasil: inserção no Sistema Único de Saúde e integração com a atenção primária. Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2017, v. 33, n. 1 [Acessado 18 Novembro 2022], e00150215. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00150215>>. Epub 23 Jan 2017. ISSN 1678-4464. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00150215>.

Pastori, F. **A prática de yoga como dispositivo no cuidado em saúde: cartografando experiências na atenção básica.** The yoga practise as a device in health care : mapping experiences in basic attention. 2019. 1 recurso online (142 p.) Dissertação (mestrado

profissional) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1638896>. Acesso em: 18 nov. 2022

Aleixo, J. M. P. **Centro de convivência e atenção psicossocial: invenção e produção de encontros no território da diversidade**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista de Assis, Assis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/136122>

Benetton, J. Marcolino, T. Q. **As Atividades no Método de Terapia Ocupacional Dinâmica**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 645-652, 2013

Cardinalli I, Cardoso P. T. Silva C.R., Castro E. D. **Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak**. Interface (Botucatu). 2021; 25: e210262 <https://doi.org/10.1590/interface.210262>

Farias, A.Z., Mazak, M.S.R., Viaro, R.C., & Barros, L.P. (2021). **“Ser e estar criança em um grupo terapêutico a partir do movimento vital expressivo (MVE): um relato de experiência**. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 4(5), 639-646. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto42335.

Marcolino, T. Q., Benetton, J., Cestari, L. M. Q. Mello, A. C. C, Araújo, A. S. (2021). **Diálogos com Benetton e Latour: possibilidades de compreensão da inserção social/ Dialogues with Benetton and Latour: possibilities for an understanding of social insertion**. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 28(4), 1322–1334. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF2032>

MARCOLINO, T. Q. Como trabalhamos com a noção de ampliação de cotidiano: Considerações a partir do Método Terapia Ocupacional Dinâmica. In: MATSUKURA, T. S.; SALLES, M. M. (Orgs). **Cotidiano, Atividade Humana e Ocupação: Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental**. São Carlos: Edufscar, 2016, p. 105-122.

VINICIUS. **Gnomos**, [S,L], 24 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.monolitonimbus.com.br/gnomos/>> Acesso em: 10 de Dezembro de 2022.